

Educação para as drogas no Ensino Médio: uma proposta para estudantes normalistas

Education for drugs in high school: a proposal for student teachers

Vinícius Motta COSTA
PPGEBS/IOC/FIOCRUZ
vinimctr@gmail.com

Marcia Helena da Silva MENDES
PPGEBS/IOC/FIOCRUZ
marciaismendes@gmail.com

Layla Magalhães WALTEMBERG
PPGEBS/IOC/FIOCRUZ
lmagalhaesw@gmail.com

Francisco José Figueiredo COELHO
PPGEBS/IOC/FIOCRUZ
educacaosobredrogas@gmail.com

Abstract. *This article discusses educational materials for teacher training to address drug abuse, with a focus on para-didactic materials. In contrast to the prohibitionist approach, which flirts with barbarity by associating substance use with a moralistic logic and stigmatizing users, the article proposes methodologies based on Harm Reduction (HR), which consider historical, social and cultural aspects in addressing the issue, promoting a reflective and democratic approach. The research describes a remote course aimed at students of the Normal Course, in which resources such as music, digital games, literature, and fanzines are integrated. These materials are explored as pedagogical tools that help mediate critical understanding of substance abuse. Music is used to analyze social dynamics related to drugs, while digital games are used to problematical excesses and their impact on learning. Literature, exemplified by the book *Maria dos Excesses*, promotes reflections on everyday consumption and its implications. The fanzine, on the other hand, is presented as a tool for artistic expression and critical analysis of the subjects due to its accessible and creative nature. By associating these resources with teacher training,*

the article highlights the transformative potential of innovative methodologies in approaching topics considered complex in the educational context, suggesting that these materials not only favor the dialogicity of activities, but also encourage more democratic and welcoming educational practices.

Keywords: Teacher Training. Harm Reduction. Drugs. Para-didactic Materials.

Resumo. *Este artigo discute materiais educativos na formação de professores(as) para abordar o uso abusivo de drogas, com foco em materiais paradidáticos. Em contrapartida à abordagem proibicionista, que flerta com a barbárie ao associar o consumo de substâncias a uma lógica moralista e que estigmatiza os usuários, o artigo propõe metodologias baseadas na Redução de Danos (RD), que consideram aspectos históricos, sociais e culturais no tratamento da temática, promovendo uma abordagem reflexiva e democrática. A pesquisa descreve um curso remoto voltado a estudantes do Curso Normal, no qual são integrados recursos como música, jogos digitais, literatura e fanzines. Esses materiais são explorados como ferramentas pedagógicas que auxiliam a mediação da compreensão crítica sobre o consumo abusivo de substâncias. A música é utilizada para analisar dinâmicas sociais relacionadas às drogas, enquanto os jogos digitais são empregados para problematizar excessos e seu impacto na aprendizagem. A literatura, exemplificada pelo livro *Maria dos Excessos*, promove reflexões sobre consumos cotidianos e suas implicações. Já o fanzine, pelo caráter acessível e criativo, é apresentado como ferramenta para expressão artística e análise crítica dos sujeitos. Ao associar esses recursos à formação docente, o artigo aponta o potencial transformador de metodologias inovadoras na abordagem de temas considerados complexos no contexto educacional, sugerindo que esses materiais não apenas favorecem a dialogicidade das atividades, mas também incentivam práticas educativas mais democráticas e acolhedoras.*

Palavras-chave: Normalistas. Redução de Danos. Drogas. Materiais Paradidáticos.

Recebido: 31/05/2025 Aceito: 07/09/2025 Publicado: 20/10/2025

DOI:10.51919/revista_sh.v1i0.486

1. Introdução

Este artigo tem por objetivo refletir sobre a abordagem formativa acerca do uso abusivo de drogas e práticas correlatas, como os jogos digitais e tecnologia de multitelas, por exemplo. Tais produtos podem se tornar mais atrativos através de músicas, das imagens e das narrativas que favorecem que os usuários, muitos dos quais crianças e pré-adolescentes matriculados em escolas, tenham hábitos de consumo de busca de prazer. Todavia, o cenário presente na escola e na sociedade em geral mostra quadros de ansiedade e de irritabilidade que se equivalem ao que classificaria como indícios em dependência em substâncias psicoativas.

Neste sentido, é fundamental resgatar como a escola se tornou espaço para modelar as ações dos estudantes através de materiais paradidáticos. Esses recursos passaram a ser utilizados para a realização de estratégias educacionais no âmbito escolar.

Ao se considerar como os livros paradidáticos passaram a figurar nas escolas é importante enfatizar que a criação no Brasil, nos anos 1970, atendeu a um paradigma que decretou que as drogas possuem efeitos danosos para os usuários e a sociedade e que o caminho adequado passava pela propagação da proibição do uso. Neste contexto, decisões como a nova lei de drogas de 1976 impactou no viés proibicionista percorrido pelo mercado editorial, produzindo livros paradidáticos estruturados nos efeitos danosos resultantes do uso de substâncias ilícitas (Silva, 2019).

O impacto dos materiais pode ser medido pelo reforço do proibicionismo, no caso uma ideologia pautada na causa-efeito do consumo de drogas, em especial as ilícitas. Trata-se de uma abordagem que reverbera lemas de proibição como “não use drogas”, “drogas, tô fora” e que não favorece uma análise ampliada da realidade.

A abordagem proibicionista, pautada em questões morais e em estereótipos (Coelho, 2019), encontra semelhanças no que Adorno (1995) denominou barbárie. Segundo o autor, tal fenômeno engloba ideias e ações que impactam negativamente no desenvolvimento da civilização. Ou seja, fomentam motivações que convergem para a agressividade e a destruição (Adorno, 1995). A educação atuaria como uma força para manter as pessoas afastadas das possibilidades de uma vida permeada no ódio, o que se aproxima das noções redutoras de danos. Tal concepção de educação se ampara em uma concepção autônoma da realidade (Freire, 1996).

Segundo Freire, uma pessoa adquire um senso crítico quando a educação está pautada em uma pedagogia que projeta romper as bases do aprendizado bancário de acúmulo irrefletido de saberes e ações. Em outras palavras,

Assim sendo, o contraponto ao contexto apresentado configura uma abordagem que considera fatores históricos, sociais e culturais em atividades reflexivas sobre o uso de substâncias e os possíveis efeitos do ato, denominada Redução de Danos (RD) de enfoque educativo (Faria; Faria; Tófoli, 2014; Coelho, 2019).

Para Faria, Faria e Tófoli (2014), a RD emerge em oposição a um ideário que classificou a droga como algo danoso para o meio social. Neste sentido, buscava-se um modelo de comportamento perfeito para inserção na sociedade industrial. O uso de drogas, pela alteração que produzia no corpo, passou a ser socialmente condenado.

Seguindo esta perspectiva, Coelho (2019) concebe a Redução de Danos dentro de uma dimensão dialógica que engloba aspectos biopsicossociais acerca do uso pelas pessoas, distanciando da abordagem repressora vinculado ao proibicionismo. Partindo das reflexões de uma formação-piloto sobre drogas em formato remoto, notou-se que o oferecimento de um espaço de aquisição

e troca de saberes ampliou percepções de professores da educação básica (Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio) quanto aos fatores que levam ao consumo e a sua permanência nas atividades entre pares e na interação com os escolares. Contudo, o cenário formativo de normalistas matriculados na rede estadual do RJ coloca a cada ano no mercado, milhares de professores com saberes precários quanto a uma visão mais ampla do lugar social das substâncias. Tais profissionais não são elegíveis para a formação em drogas da Fundação Cecierj, que são o meio mais próximo para a formação continuada de docentes. Desta forma, para que mais pessoas ligadas à educação possam entender os aportes redutores de danos, foi elaborada uma formação remota para estudantes do Curso Normal (CN) ou simplesmente normalistas.

Sendo resultado da disciplina eletiva “A Redução de Danos nas Práticas Educativas em Ensino em Biociências e Saúde”, oferecida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz, o referido artigo objetiva analisar edições anteriores do curso sobre drogas para normalistas a fim de propor ajustes nos conteúdos ofertados aos participantes. Neste sentido, temos como questão norteadora para o trabalho:

Como os normalistas se apropriam dos conhecimentos em Educação para as drogas?

Para responder à interrogação destacada, partimos da perspectiva freiriana pautada na ação autônoma dos sujeitos como premissa de uma Educação para as Drogas mais significativa para os normalistas, fazendo uso reflexivo de materiais educativos que se relacionem com o uso abusivo de substâncias e de temas correlatos como as tecnologias digitais.

2. Metodologia

Denominado Materiais Educativos Sobre Drogas – leitura, seleção e produção, a formação para os normalistas acontece desde 2021 e está estruturada em bases redutoras de danos em interface com a utilização de materiais paradidáticos. Em outras palavras, o curso possui uma base conceitual que visa problematizar a redução dos efeitos do uso abusivo de substâncias e de práticas com similaridade de alteração no organismo, como manipulação ostensiva de redes sociais.

Considerando as 4 edições do curso em tela, realizadas com estudantes normalistas de escolas situadas em Duque de Caxias e Silva Jardim no Rio de Janeiro, a estrutura em 5 módulos se manteve, tendo ajustes nos encontros teóricos em termos de ordem temática e conteúdo apresentado:

Quadro 1. Edições do curso Materiais Educativos Sobre Drogas – leitura, seleção e produção (2021-2023)

1ª edição: 2021	2ª edição: 2022.1	3ª edição: 2022	4ª edição: 2023
Módulo 1: o que é material paradidático?	Módulo 1: o que é material paradidático?	Módulo 1: o que é material paradidático?	Módulo 1: o que é material paradidático?;

			música e drogas
Módulo 2: diferença entre alimentação e nutrição; redução de danos	Módulo 2: diferença entre alimentação e nutrição; redução de danos	Módulo 2: diferença entre alimentação e nutrição; redução de danos	Módulo 2: diferença entre alimentação e nutrição; redução de danos
Módulo 3: charges e drogas	Módulo 3: música e drogas	Módulo 3: charges e drogas	Modulo 3: animes e educação para as drogas
Módulo 4: música e drogas	Módulo 4: charges e drogas	Módulo 4: música e drogas	Modulo 4: literatura e redução de danos

Fonte: Os autores (2025)

O quadro anterior (Quadro 1) reúne de forma resumida a estrutura do curso para normalistas. Entre 2021 e 2023 aconteceram adequações para que as atividades proporcionassem maior entendimento do temário drogas e ofertassem possibilidades de aplicação educativa de materiais presentes no cotidiano pessoal e acadêmico dos cursistas.

O panorama exposto no quadro acima foi analisado por Costa, Silva e Coelho (2024) em artigo que se debruçou sobre as apresentações finais das edições de 2022.1 e 2023. Os produtos mostrados pelos cursistas, contabilizando 11 na soma das duas edições, revelaram uma tendência proibicionista na exposição das drogas lícitas e ilícitas.

A ênfase nos efeitos danosos advindos do consumo revelou uma verbalização conservadora da apropriação dos conteúdos dos módulos teóricos, o que sugere a necessidade de ajustes nos conteúdos para que a RD seja compreendida na associação com os materiais apresentados pelos professores.

Em virtude disso, os demais itens desta seção trazem as reflexões sobre possíveis usos da música, de jogos, de imagens e da literatura para a efetividade de uma abordagem educativa crítica sobre o uso abusivo das drogas e temas correlatos.

2.1 Música

Sobre a música, o uso educativo já foi relatado em estudos que se debruçaram sobre a reprodução de determinados discursos que mostram que a droga faz parte da dinâmica social. Esta abordagem analisa que variadas produções musicais fizeram uso de gírias, ironias e da reprodução de leis para ilustrar que não se tem o uso de substâncias nas músicas.

O uso de gírias foi amplamente aplicado em sambas de Bezerra da Silva, criando meios para que a repressão não alcançasse as pessoas. Tinha como intenção mostrar que o consumo não era compreendido por um viés biologizante, mas que considerava que as relações sociais e a história

fazem parte dos motivos que levam uma pessoa a não somente consumir, mas a proceder de maneira abusiva com as drogas (Costa, 2021).

Quanto a dinâmica proposta por Costa (2021), esta previu a utilização de letras de samba de Bezerra da Silva que retratassem o uso de substâncias. Através da aplicação de questões norteadoras após a escuta do material, os jovens foram incentivados a pensarem na construção da ilicitude da maconha e de outras substâncias e também na permissão de uso do álcool. Fatores políticos, históricos e culturais foram citados nas respostas para os questionamentos referentes ao conteúdo da composição dos versos e também nas concepções oficiais e cotidianas acerca dos efeitos nos indivíduos que são reproduzidas socialmente (Costa, 2021).

Considerando o aporte apresentado, o objetivo da temática musical no curso esteve voltado em utilizar o samba como recurso para envolver os normalistas participantes para interpretar a forma como a música popular, em especial do samba, versou sobre a maconha e outras drogas. Para tanto, nas versões do curso entre 2021 e 2023 foi utilizada em uma abordagem dialógica a música (Figura 1).

Overdose de Cocada

Bezerra da Silva

Maxximum: Bezerra da Silva



É cocada boa, ou não é
É cocada boa
É cocada boa, ou não é
É cocada boa

Já armei meu tabuleiro
Vendo pra qualquer pessoa
Tem da preta e tem da branca
E quem prova não enjoa porque

É cocada boa, ou não é
É cocada boa
É cocada boa, ou não é
É cocada boa

Tem preto que come da branca
Tem branco que come da preta
Tem gosto pra todo freguês
Só não vale misturar
Vai numa de cada vez, não misture o
paladar
Que overdose de cocada, até pode te
matar

Figura 1. Letra do samba Overdose de Cocada.

Fonte: <https://www.vagalume.com.br/bezerra-da-silva/overdose-de-cocada-letras.html>

Em um novo formato, a intenção de entender como comportamentos abusivos são refletidos nos versos das canções, demanda um aprofundamento dos diversos fatores de uso, analisando que o exagero é mais problemático do que a substância em si. Neste sentido, a abordagem deve aprofundar a dimensão do vício relatado em composições que uma cursista apresentou em seu trabalho final (Costa; Silva; Coelho, 2024).

Tendo por base a RD, o objetivo é reforçar que os danos não perdem sua relevância, mas sim compreender os fatores que fazem com que determinados consumos sejam pouco problematizados ou ainda negligenciados na sociedade em diversos ritmos musicais, citando o samba, a MPB e o sertanejo universitário.

2.2 Jogos

Em relação aos jogos, estes estão disseminados na sociedade e cada vez mais são utilizados por crianças e adolescentes no contexto das *bets* e outros jogos digitais. Tal cenário pode favorecer que comportamentos abusivos se façam presentes na apropriação desses materiais. A partir disso, podemos analisar como os jogos podem contribuir para uma formação mais ampla em Educação para as drogas.

Dentro do contexto de abordagem do lugar de drogas na sociedade, o Jogo da Onda teve como objetivo ser um recurso para favorecer a aplicação da RD no contexto escolar. Para tanto, o recurso citado utilizou das impressões sobre drogas emitidas por estudantes da educação básica e de conhecimentos científicos oriundos de pesquisas e artigos sobre os impactos sociais do uso de substâncias. Atualmente, podemos ampliar a proposta dialógica de Adade e Monteiro (2014) para tratar de estratégias para abordar o abuso em jogos no âmbito da formação de normalistas.

Em uma dimensão ampliada, os jogos podem favorecer as formas de aprender das pessoas. Com fins educativos, esses materiais podem auxiliar a assimilação de novos conhecimentos. Podem atuar na apresentação de conceitos, na interpretação do que foi aprendido e no estímulo para buscar outros saberes que estruturam o contexto de produção de um jogo (Alves; Coutinho, 2020).

A aplicação de um jogo, em uma perspectiva educativa, não precisa considerar que o material tenha como objetivo principal desde a sua concepção a intenção de impactar no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, podemos interpretar como os *games* poderiam facilitar, através de uma mediação pautada na RD, a abordagem do abuso na apropriação da tecnologia no cotidiano de crianças e adolescentes.

Pesquisadores como Sakuda (2020) associam o ato de jogar como parte essencial da experiência humana de se comunicar, estabelecer relações com outras pessoas e grupos. Nesse contexto se insere a cultura *gamer* com o ato de jogar, no uso de gírias e em danças (Sakuda, 2020). Pela

apropriação de variados significados, o jogo pode ser um recurso com potencial para incentivar reflexões quanto ao uso abusivo desse tipo de produto.

Um componente essencial para a problematização de comportamentos, o jogo em si objetiva criar um momento de entretenimento, cabendo a mediação fomentar a reflexão sobre os usos exagerados das substâncias ou propriamente dos produtos digitais.

No âmbito de uma formação remota para futuros professores, a utilização de jogos pode demonstrar que a RD pode ser aplicada na análise de como esses recursos podem impactar nos processos de aprendizagem escolar e nas relações sociais construídas em variados espaços de interação.

2.3 Uso da literatura infantil no debate sobre drogas

Outro caminho possível de ser utilizado para abordar a temática junto a alunos do ensino fundamental e professores é a literatura e a contação de histórias.

Sabemos que, por meio das narrativas, podemos compartilhar nossa cultura, resgatar e preservar nossa memória; divulgar conhecimento, produzir arte, sempre expressando emoções e impressões. Muitas narrativas se fundamentam em tradições populares de diversos povos, como as cantigas, os poemas, as lendas, os contos populares ou folclóricos, contos de fadas, fábulas, parábolas, entre outros. Portanto, contar uma história é apresentar para um determinado público uma narrativa que reflete uma leitura de mundo (Santos, 2020).

Como exemplo de literatura que pode ser utilizada para introduzir a redução de danos no debate sobre o consumo prejudicial de substâncias, apresentaremos aqui o livro *Maria dos Excessos*, de Francisco Coelho e Maria de Lourdes da Silva.

No livro, os autores abordam questionamentos de uma menina sobre sua forma de se relacionar com o mundo contemporâneo e seus apelos a soluções rápidas via consumo. A história é uma ficção produzida a partir de experiências reais e traz a importância do autocuidado e de como lidar de forma mais saudável com nossas escolhas, utilizando a redução de danos como enfoque educativo.

A partir da narrativa, o leitor é convidado a pensar sobre a era dos excessos em que vivemos, onde encontramos a abundância de informações, mercadorias e publicidade que afetam diretamente os desejos humanos, provocando o consumo desenfreado de objetos, fazendo pensar sobre a forma como as crianças e adolescentes têm sido impactadas numa sociedade que impõe um consumismo desmedido de múltiplos objetos de desejo que mudam de forma cada vez mais rápida.

A leitura e o debate sobre a história propiciam a abordagem de diferentes temas como o uso de medicamentos, a automedicação e suas possíveis consequências e sobre o ato de comer em

excesso e a relação com alimentos como o chocolate, favorecendo com que a discussão se estenda a diversos outros alimentos que também tenham potencial psicoativo, como o açúcar e o café, por exemplo.

Em Maria dos Excessos, também é abordada a relação com substâncias lícitas como o álcool e o tabaco, sem o enfoque estrito nas substâncias e seus efeitos e sim na relação que se estabelece com estas (Figura 2). O texto traz a possibilidade de se discutir sobre as representações que se tem sobre as substâncias, seus usuários e as situações onde são utilizadas, sem cairmos no viés proibitivo e moralista.



Figura 2. Capa do livro Maria dos Excessos.

Fonte: Reprodução da internet.

Ao longo do livro, de maneira lúdica, as situações apresentadas por Maria favorecem que os leitores ou ouvintes da história se vejam em situações semelhantes às experimentadas por ela, levando à reflexão sobre si e suas relações com os excessos e seus limites, trazendo questões referentes ao autoconhecimento e autocuidado na busca da minimização de riscos e danos.

A história também apresenta a relação familiar da personagem, trazendo através da representação da conversa entre Maria e seus pais, a importância do acolhimento, do diálogo e do debate empático e democrático como caminhos para se abordar questões delicadas que ainda são vistas como tabu em nossa sociedade.

Deixamos aqui a sugestão de usar o livro tanto como literatura paradidática como através da contação de história. Destacamos que por ser um ato interativo, contar e ouvir histórias são dois lados da mesma atividade, narrar uma história é também interagir com o imprevisto, com o que surge do lado de quem a escuta. A contação de histórias pode ser uma boa estratégia de mediação literária e de formação de leitores (Santos, 2020).

Também podemos citar o uso literário da música proposto por Coelho (2019). Em sua tese, o autor constatou que a música é uma ferramenta que proporciona o incentivo a um olhar crítico da realidade a partir de uma leitura multidimensional das letras. Neste sentido, as drogas foram percebidas pelos participantes de um curso-piloto objeto de tese como fenômeno biopsicossocial, possibilitando um entendimento do consumo além da causa-efeito das abordagens tipicamente biologizantes.

2.4 Leitura de imagens na prática pedagógica e fanzine enquanto ferramenta acessível de expressão

Sobre o uso educativo-reflexivo de imagens, existem possibilidades de utilizar tais recursos como estratégia para incentivar uma postura crítica dos jovens. É a perspectiva apontada por Barbosa (2001):

Este mundo cotidiano está cada vez mais sendo dominado pela imagem. Há uma pesquisa na França mostrando que 82% da nossa aprendizagem informal se faz através da imagem e 55% desta aprendizagem é feita inconscientemente. (Barbosa, 2001, p. 34)

O caminho que Ana Mae Barbosa aponta para mediar a questão das imagens no processo de aprendizado educacional contemporâneo passa por uma alfabetização para a leitura de imagens, sendo tão importante quanto a leitura verbal, preparando o jovem para interpretar tanto imagens fixas quanto em movimento.

Barbosa argumenta que, embora o fazer artístico contemporâneo desafie as definições tradicionais da arte, a prática isolada não é suficiente para formar um apreciador crítico, como observado nos Estados Unidos, onde: “Pelo contrário, a livre expressão, sem desenvolvimento da capacidade crítica para avaliar a produção, tem formado nos Estados Unidos um consumidor ávido e acrítico de imagens. (idem p.41)

Carlos Magno Bezerra de Farias escreveu entre 2013 e 2014 que a utilização do gênero textual/discursivo do fanzine, em ambiente de ensino, apesar de ser ‘marginalizada’, contribui para o desenvolvimento da competência leitora e para a dinamização das atividades de experimentações artísticas. Justamente por focar nas baixas tiragens e conteúdo autoral – assim como o recurso de fotocópias, recorte e colagem-, essa linguagem burla dificuldades de edição de textos e imagens, permite a acessibilidade do público interessado e foge das formas tradicionais de divulgação de materiais impressos.

Neste sentido, Henrique Magalhães (1993) explica que os fanzines são comumente utilizadas com finalidades de educação e comunicação, e que ao ser incorporado à língua portuguesa o termo foi associado ao contexto *underground* e *punk*, devido ao caráter “livre de censuras” e das “amarras do mercado editorial”:

A importância dos fanzines punks para esse tipo de imprensa alternativa está não só na propagação de suas mensagens, mas por ter criado uma onda irrefreável de novas publicações. A partir dos fanzines punks, o termo fanzine ganhou popularidade e passou a denominar as publicações informativas de fãs-clubes ou movimentos organizados de minorias. (idem. p.23)

Considerando que os fanzines estão historicamente associados às populações marginais, possuem finalidade de comunicação e permitem a fruição em diferentes técnicas artísticas, podemos observar que a utilização de fanzines no contexto de ensino pode ser uma ferramenta/metodologia de aprendizagem acessível, que se permite atravessar pela criatividade e pela vivência dos sujeitos envolvidos. Tal uso se aproxima do potencial educativo de charges para problematizar o uso de drogas que Coelho (2019) constatou em sua tese.

3. Resultados

Através da sinalização das alterações realizadas nos módulos teóricos ao longo das 4 edições do curso de materiais educativos, encontramos elementos para compreender as impressões dos normalistas que participaram das edições anteriores e os novos ajustes para uma futura realização do curso para os normalistas.

As três primeiras edições do curso não sofreram grandes alterações na construção na essência dos módulos teóricos, exceto a preocupação de vincular a RD aos materiais apresentados, pois a ideia foi mensurar como se desenvolveria o andamento dos encontros com participantes diferentes. Nos cursos em 2021 e 2022 existiu uma tendência conservadora de mobilização dos conteúdos ministrados, com boa parte dos normalistas participantes realizando trabalhos finais sobre benefícios e danos referentes a alimentação, sobre os efeitos das drogas no organismo e também apresentando a licitude e ilicitude na classificação das substâncias.

Em relação ao curso de 2023, as mudanças foram encaminhadas para medir se a RD seria melhor apreendida através da inclusão da literatura e dos animes. Foi notado que os normalistas reagiram positivamente os novos materiais, mas a adesão aos pressupostos da RD não aumentou de forma significativa.

Como a base teórica sofreu poucos ajustes ao longo do tempo, a reestruturação busca alinhar o curso para extrair todo potencial crítico dos materiais propostos, desde os recursos artísticos como as charges e a música, relatados por Coelho (2019) e Costa (2021) respectivamente, como na abordagem crítica de ações abusiva através da literatura infantil proposta por Coelho e Silva (2024) e os fanzines na perspectiva de Barbosa (2001). Tais usos, combinados com as

possibilidades de aprendizagem dos jogos, fanzines e da literatura, podem despertar a ludicidade e a interpretação crítica como os materiais educativos na direção da RD.

Os autores citados acima se aproximam das ideias de Freire (1996) sobre a autonomia das pessoas e de Adorno (1995) de uma educação para a emancipação. Desta forma, a apropriação dos materiais paradidáticos pode romper a assimilação voltada para concepções proibicionistas e ganhar uma conotação crítica, favorecendo uma leitura ampliada da apropriação abusiva de drogas lícitas, ilícitas e digitais nas sociedades e que torne possível a construção de uma realidade que reforce os passos de combate a barbárie. Assim, busca-se que novas percepções sejam construídas e reproduzidas pelos normalistas em prol de um processo de ensino-aprendizagem que promova um olhar democrático na construção da realidade social.

4. Considerações

Ao integrar ferramentas como músicas, jogos, livros e *fanzines* no processo formativo de futuros educadores, abre-se a possibilidade de expandir a compreensão sobre a Redução de Danos (RD) e suas implicações práticas no cotidiano, oferecendo um potencial significativo para tratar de temas complexos e muitas vezes espinhosos, como o uso abusivo de substâncias, de maneira acessível e crítica, e capaz de lidar com os desafios contemporâneos de forma criativa.

Através de ferramentas que buscam mobilizar o contexto dos envolvidos, suas vivências e o diálogo, é possível promover uma abordagem mais humanizada e menos moralista sobre o consumo de drogas, incentivando a reflexão sobre as relações sociais e culturais que envolvem o uso de substâncias. Em suma, defendemos uma alternativa educativa para enfrentar os tempos de barbárie em que o medo e preconceito são linguagens poderosas, fomentando uma postura crítica para lidar com assuntos delicados como as drogas e temas correlatos de maneira construtiva e empática.

Agradecimentos

Ao Instituto Oswaldo Cruz – IOC, pela oportunidade de realização desta proposta em uma pesquisa em nível de doutorado. Ao GPED, pelo espaço de debate sobre a educação para as drogas.

Referências

Adade, Mariana; Monteiro, Simone. **Educação sobre drogas**: uma proposta orientada pela redução de danos. Educação e Pesquisa. USP, v. 40, n. 1, pp. 215-230, 2014.

Adorno, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

Fortim, Ivelise; Araujo, Julio Cesar; Sakuda, Luiz Ojima; Spritzer, Daniel Tornaím; Alves, Lynn; Lima, Maria Thereza de Alencar; Coutinho, Isa de Jesus; Carvalho, Evelise Galvão de; Karam, Rafael Gomes; Breda, Vitor; Donard, Véronique; Nejm, Rodrigo; Serrão, Bianca; Rodrigues, Thereza; Borelli, Alessandra; Rocha, Henrique Oliveira; Tomceac, Jean; Carmona, Beth; Araújo, Amanda Rolim. *Jogos e aprendizagens*. In: Fortim, I (Org.). **O que as famílias precisam saber sobre games?** Um guia para cuidadores de crianças e adolescentes. Invelise Fortim (org.). São Paulo: Homos Ludens, 2020.

Barbosa, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. Editora Perspectiva SA, 2001.

Coelho, Francisco José Figueiredo. Educação sobre Drogas e Formação de professores: uma proposta de ensino a distância centrada na Redução de Danos. 245f. Tese (Doutorado) – Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde. Rio de Janeiro, 2019.

Costa, Vinícius Motta da. **O que mais tem aí nesse samba?** Bezerra da Silva em uma abordagem educativo-preventiva sobre drogas. 128f. Dissertação (Mestrado) – Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde, Rio de Janeiro, 2021.

Costa, Vinícius Motta da; Silva, Maria de Lourdes da; Coelho, Francisco José Figueiredo. O que se pensa sobre as drogas: as impressões sobre os discursos de normalistas em uma formação remota. **Anais...** Congresso Scientiarum História 17. Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza/CCMN, 2024.

Faria, Ed Carlos Corrêa de; Faria, Pedro Henrique de; Tófoli, Luís Fernando. A redução de danos como estratégia educacional na sociedade de consumo. **Revista Espaço Ética: Educação, Gestão e Consumo**, Ano I, n. 3, pp. 34-41, 2014.

Farias, Carlos Magno Bezerra de. **Fanzine: cultura underground, leitura e escrita**. Anais I CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2014. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/7296>

Freire, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Magalhães, Henrique. **O que é Fanzine?** São Paulo, Ed. Brasiliense, 1993.

Retondar, Anderson. **A (re)construção do indivíduo: a sociedade de consumo como “contexto social” de produção de subjetividades**. Sociedade e Estado, Volume: 23, Número: 1, Publicado: 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/279641916_A_reconstrucao_do_individuo_a_sociedade_de_consumo_como_contexto_social_de_producao_de_subjetividades

Sakuda, Luiz Ojima. *Cultura Gamer: não é só jogar*. In: Fortim, I (Org.). **O que as famílias precisam saber sobre games?** Um guia para cuidadores de crianças e adolescentes. São Paulo: Homos Ludens, 2020.

Santos, Rita de Cássia Alves Lopes dos. Reflexões sobre a arte de contar histórias. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 5, 4 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/5/reflexoes-sobre-a-arte-de-contar-historias>

Silva, Maria de Lourdes da. **Álcool, medicamentos e outras drogas nos materiais paradidáticos entre os anos 1970-2000**: embates de sentidos na educação. ANPUH: Recife, 2019.